

## A VIAGEM DE ADOLPHE D'ASSIER PELO IMPÉRIO BRASILEIRO

Katia Aily Franco de Camargo (USP)

Há poucas informações sobre Adolphe d'Assier, viajante e filólogo francês nascido na cidade de Labastide-de-Sérrou, pertencente ao departamento de Ariège, próximo ao Pirineus, em 1828. Sabe-se somente que foi membro da Academia de Ciências de Bordeaux, que dirigiu a *Revue d'Aquitaine* e o jornal *La Patrie en danger*. Uma paralisia do nervo óptico, entretanto, o obrigou a diminuir o ritmo de trabalho, não o impedindo, no entanto, que desse continuidade a seus escritos, ditando suas últimas obras.

Desconhecem-se também as razões que o levaram a empreender uma peregrinação de dois anos (1858-1869) ao Brasil<sup>i</sup>. Mas, sabe-se que suas viagens lhe renderam vários artigos na *Revue des Deux Mondes*<sup>ii</sup>, revista francesa fundada em 1829 por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron, a saber: *Le Brésil et la société brésilienne, mœurs et paysages*: I. *Le Rancho*; II. *La Fazenda*; III. *La Cidade*; *Le Mato virgem, scènes et souvenirs du Brésil*; *L'Eldorado brésilien et la Serra das Esmeraldas*. Dessa forma, Adolphe d'Assier é o publicista que mais escreveu, durante o século XIX, nas páginas da *Revue des Deux Mondes*, sobre o Brasil.

Diferentemente dos demais autores que publicaram sobre nosso país nesse periódico, dentre os quais estão Ferdinand Denis, Auguste de Saint-Hilaire, Théodore Lacordaire, Comte de Suzannet, Paul Grimblot, Francis de Castelnau, Emile Adêt, João Manuel Pereira da Silva, Elisée Reclus, etc., d'Assier dá, em seus escritos, maior ênfase à população, procurando situá-la nos diferentes nichos do território brasileiro: o rancho, a fazenda, a cidade, a mata virgem e o Eldorado. Em seu primeiro artigo, *Le Brésil et la société brésilienne, mœurs et paysages*: I. *Le Rancho*, publicado em 1863, inicia versando sobre o desconhecimento quase total do interior do Brasil, apesar das incursões aí realizadas. Declara também, nesse momento, seus objetivos: traçar o perfil da sociedade do interior, a começar pelos membros que a compõem e que formam a base do Império Brasileiro, para que, dessa maneira, o leitor possa ter subsídios para apreciar e compreender as demais regiões.

[...] falta traçar um quadro fiel da vida social do interior do Brasil, mostrando o estágio em que se encontra, nas diversas partes desse império, o trabalho da civilização. Pode ser que uma estadia de vários anos nesse país nos dê algum crédito para tentarmos realizar essa tarefa. Teria que se abarcar no mesmo quadro o conjunto da sociedade *créole*, desde o rico plantador até o humilde feitor, e, sobretudo, reproduzir a exata fisionomia de cada um deles; mas essa sociedade, filha da conquista, está fundamentada na escravidão: o branco impeliu o índio e mantém sob o chicote o negro curvado em direção a terra. Antes, portanto, de se estudar a fazenda (grande exploração rural) e na cidade, as forças industriais e políticas da nação, é necessário conhecer as raças deserdadas, o índio, o negro, o homem de cor, e é principalmente no rancho que podemos observá-los. O rancho é uma cabana de palha que abriga o índio na floresta, é também o hangar mais solidamente construído, mas completamente aberto, onde param, com seus animais, as caravanas de homens de cor e de negros que transportam as mercadorias da costa ao interior; é, em uma palavra,

o asilo das populações errantes ou escravas, que são o objeto deste primeiro estudo. (D'ASSIER, 1863 (I), p. 554-555)<sup>iii</sup>

No rancho, portanto, o autor dá início à sua análise etnográfica. Como era filólogo, d'Assier faz uso de seus conhecimentos para julgar o estágio de civilização e o caráter do aborígene:

A idéia de Buffon: “o estilo é o homem”, talvez nunca tenha sido aplicada com tamanha justeza como no disforme idioma dos botocudos. [...] A análise de suas palavras revela, da maneira mais clara, a infância de seu estágio social. Se mostras a eles um bastão, eles te respondem *tchoon* (árvore). Para eles, um bastão é um tronco de árvore sem galhos. Se, em seguida, perguntas o nome de uma viga, eles te respondem novamente *tchoon*, de um galho, um pedaço de madeira, uma estaca etc., sempre *tchoon*. A palavra *po* designa, ao mesmo tempo, dependendo da ocasião, mão, pé, dedos, falanges, unhas, calcanhar, dedos do pé. A animalidade, que parece ser seu único código, manifesta-se, sobretudo, nas palavras compostas. Se quiserem falar de um homem frugal, eles dirão *couang-é-mah* (ventre vazio); da noite, *tarou-té-tou* (tempo da fome), pois tão glútoes quanto despreocupados, são incapazes de guardar qualquer provisão, e são obrigados, durante a noite, a esperar, com impaciência, a volta do dia para satisfazerem às exigências de um estômago insaciável. Na maioria dos povos, ao menos nas nações ocidentais, a noção do correto precedeu a do incorreto, como indica a composição desta última palavra em diversas línguas, *in-juste*, *un-gerecht*, *in-iguus*, *a-dikos* etc. Nos botocudos acontece sempre o contrário: o estado normal é o ladrão, *nyinkêck*. Um homem honesto será, conseqüentemente, uma não-ladrão (*nyinkêck-amnoup*). O mesmo acontece com a mentira (*iapaouin*), sendo o hábito, a regra, a verdade tornar-se-á *iapaouin-amnoup* (uma não-mentira). (D'ASSIER, 1863 (I), p. 563-564)

Ao descrever o indígena, não poderia deixar de lado a mulher, pois, assim como mencionaram autores que o antecederam, ela é responsável por grande parte do trabalho de sua tribo, ficando aos homens a caça, a pesca e a confecção de armamentos.

[...] Compreende-se, sem dificuldade, que após uma escravidão tão degradante e penosa, a índia, desconhecendo aquilo que desenvolve as qualidades da mulher, tenha permanecido o que era quando saiu da forma da natureza; deformada pelo trabalho, desfigurada pelos maus tratos, pertencendo à vida somente pelos lados, ela inspira repugnância àquele que a vê pela primeira vez. Observe seus olhos, surpreenderás o olhar oblíquo e temeroso do animal selvagem, e nada desse mágico raio que revela a inteligência. O sentimento de sua inferioridade a faz fugir e se esconder do estrangeiro. Na velhice, as rugas que cortam, por todos os lados, sua pele curtida pelo sol, enegrecida, marcada pela idade, os golpes, o sol, o cansaço, lhe dão o aspecto de uma velha cabeça de orangotango, hedionda e enrugada sob uma longa peruca negra. (D'ASSIER, 1863 (I), p. 564-565)

O negro, por sua vez, seria, em alguns aspectos, mais desenvolvido que o índio, não fosse pela escravidão. O trabalho monótono, rotineiro nas grandes plantações de café e de cana-de-açúcar lhe atrofia o cérebro, e lhe inculca vícios morais.

[...] Os negros das costas de Minas reproduzem, salvo pela cor, o tipo caucasiano: fronte elevado, nariz reto, boca regular, rosto oval, formas atléticas, tudo revela neles uma natureza forte e inteligente; somente o olho e o lábio traem a sensualidade que a constituição anatômica parece impor a todo esse grupo etíope. Os indivíduos dessa raça que gozam da liberdade dão, a cada dia, provas inequívocas de sua aptidão superior. [...] Infelizmente, ao lado dessas raças privilegiadas encontram-se certas tribos despossuídas, que parecem se aproximar tanto da besta quanto do homem, e conduzem, por níveis insensíveis, ao homem macaco da Oceania. Por outro lado, a escravidão, apoderando-se do negro desde sua infância para fazer dele uma máquina de açúcar ou de café, atrofia não somente sua inteligência, mas também todos os nobres instintos da natureza humana, deixando espaço unicamente aos maus hábitos. É aí que se encontra grande parte do segredo da inferioridade daqueles que se dizem “filhos de Caim”. (D’ASSIER, 1863 (I), p. 571-572)

No entanto, aquele que deseja conhecer todos os elementos formadores da população brasileira deve observar os homens de cor, que parecem ter retirado da miscigenação todo o vigor que reclama, para se desenvolver, a natureza tropical. Desse cruzamento vário, o autor enumera três raças: o mameluco, o mulato e o caboclo. Dentre elas, a primeira é a que apresenta a fisionomia mais estranha, resultado da junção do branco conquistador com a índia. Sua principal característica é a habilidade na montaria. O mulato, por sua vez, filho do europeu com a negra africana, é, em geral, livre, sendo requerido, no entanto, a todas aquelas funções que são consideradas muito severas para o índio indolente, muito sofisticadas para a inteligência atrofiada do negro escravo e muito servil para a dignidade do branco. O caboclo, último grupo das pessoas de cor, é o resultado da mistura de duas raças, igualmente perdedoras e degredadas, o negro e o índio. Em geral, é utilizado no trabalho doméstico e também como simples empregado. Nesse sentido, vê-se que não é possível colonizar o Brasil sem a introdução do sangue europeu, portador da força de trabalho, de bons costumes e da civilização.

[...] O índio, como já vimos, se refugia cada vez mais nas florestas seculares, devido à raiva que sente pela civilização que lhe trouxe somente coisas ruins. O negro sucumbe ao castigo, existência esmagada sob as engrenagens desta implacável máquina que se chama produção. O caboclo, produto híbrido das tribos selvagens, herdou, das duas raças, somente a indolência e a inaptidão ao trabalho ativo e fecundo. Sobra, então, o mameluco e o mulato, que herdaram do sangue português alguns genes da atividade febril que transformou seus ancestrais em celebridades nos anais da navegação. Infelizmente, eles estão longe de serem suficientes à obra. O dogma do *far niente*, importado pelos seus pais, alia-se muito bem ao clima doce, a riqueza do

solo, e sua natureza indolente e sensual acomoda-se muito a ele, transformando-o em sua única lei. Por outro lado, de que lhes serviria o trabalho sem escoamento, sem estradas, sem indústrias? Os mais corajosos, a saber, os moradores da região do rio da Prata, conhecem unicamente os cavalos e o gado. Um rancho e alguns pastos lhes são suficientes. Seus irmãos do Pará, irritados pela quente atmosfera que os envolve, não se distinguem muito do indígena. Passam o tempo dormindo ou se banhando. Não é senão pela introdução ininterrupta de sangue europeu, pela reabilitação do trabalho acabando pelas idéias e costumes, enfim, pela ação estimulante que as estradas de ferro exercem por toda parte onde passam, que a civilização continuará suas conquistas e tomará posse desses imensos espaços abandonados às forças da natureza. Somente nessas novas condições, o homem de cor poderá desempenhar um papel útil e facilitar o progresso da colonização. (D'ASSIER, 1863 (I), p. 579)

Passar, portanto, do rancho para a fazenda, é adentrar diretamente ao seio da vida *créole*, após ter atravessado as misérias da vida selvagem. No entanto, aquele que deseja conhecer a fundo os costumes brasileiros não deve se deixar amedrontar pelos caminhos tortuosos a serem percorridos até se chegar a uma fazenda.

Mas o que é uma fazenda?

[...] É uma ampla extensão de terreno plantada com cana-de-açúcar ou pés de café, e cujo centro é ocupado por um grande retângulo de edificações brancas. O lado reservado ao mestre, o senhor, possui uma arquitetura regular e uma escadaria externa. A viga que sustenta o teto, avançado alguns pés para além da parede, forma, do lado norte, uma varanda que permite ao fazendeiro ver, ao abrigo do sol e da chuva, tudo o que acontece nesse vasto recinto. É aí que se vem respirar o perfume matinal ou as brisas mornas do fim da tarde. Dois ou três negrinhos brincando com um macaco domesticado e alguns papagaios falantes com penas azuis animam esse peristilo com seus pulos e gritos. Em face, se estende uma série de grandes salas destinadas a armazenar a colheita. Em um dos cantos se encontram os cilindros que moem a cana ou os pilões que descascam os grãos. Todas essas máquinas são movimentadas por uma grande roda de madeira que faz girar uma queda d'água. Os dois outros lados do quadrilátero, construídos em argila, contêm as cabanas dos negros e dos feitores. O imenso pátio que ocupa o centro serve de terreiro para secar o café, o milho, o algodão etc. Entra-se aí por duas portas de madeira que separam a habitação do mestre das dos escravos. Os entrepostos e o pavilhão do senhor são os únicos a possuírem soalhos, que se erguem a alguns pés acima do solo, como precaução às inundações do solstício. Todas essas construções são térreas: a alta temperatura do país explica facilmente a aversão dos *créoles* pelos andares superiores.

Atrás da fazenda e a alguma distância, encontra-se, seguindo a disposição dos lugares, o rancho, o jardim, a enfermaria, e os diversos currais destinados aos bois, cabras e porcos. [...] depois, aqui e lá, no meio dos bosques, pastos ou

a beira dos caminhos, se vê, encostadas em uma árvore, as cabanas dos agregados [...]

Ao redor da fazenda se estende, sobre um espaço de várias léguas quadradas, os pés de café, os pastos, os campos de cana ou de algodão, e, enfim, na periferia, áreas enormes ainda não exploradas de floresta virgem... (D'ASSIER, 1863 (II), p. 753-755)<sup>iv</sup>

Percebe-se que a fazenda se constitui como um pequeno feudo. A agricultura aí desenvolvida depende exclusivamente da coivara. Coloca-se fogo na área que se pretende plantar, dessa forma eliminam-se as árvores e as cinzas formam um adubo de grande fertilidade: “É, por assim dizer, a quinta-essência do terreno preparado pela lenta elaboração dos séculos e que se tornou um reservatório comum” (D'ASSIER, 1863 (II), p. 756).

Dos produtos que se colhem nas plantações, e também na natureza, os brasileiros fazem sua alimentação. Os estrangeiros sempre comentam, com repugnância, as refeições dos brasileiros, sem variedade, minguada e insalubre, pois são feitas pelas mãos sujas dos negros.

Para completar a descrição da fazenda, d'Assier versa sobre algumas figuras originais, tais como: o padre, o médico, o mascate, o muladeiro e o caçador de formigas.

O padre é o capelão da região. Vestido como homem do povo, ele dança, fuma, joga (um dos grandes vícios entre os homens no Brasil) e conversa como qualquer outra pessoa. Muitas vezes, por falta de dinheiro, o padre dedica-se a pequenos negócios. Esse desvio do clero já fora inúmeras vezes apontado por outros publicistas da *Revue des Deux Mondes*, como Ferdinand Denis, Saint-Hilaire e Émile Adêt.

O médico-doutor, mais importante aos olhos do fazendeiro que o padre, apesar de sua grande devoção, encarrega-se de cuidar do negro doente. O mascate, por sua vez, aprovisiona o senhor com mercadorias de luxo, a preços exorbitantes. Aproveitador, ele usufrui a boníssima hospitalidade dos brasileiros para se enriquecer. A hospitalidade, portanto, já se constitui em um marco para o estrangeiro que vem conhecer nosso território:

[...] A partir do momento em que um desconhecido chega em frente da habitação, um negro lhe indica o rancho para sua montaria e o conduz, em seguida, ao setor da casa onde estão localizados os quartos dos viajantes. Na hora do jantar, ele vem se sentar à mesa com o senhor, participa da conversa, caso esta lhe desperte o interesse, e se retira quando lhe convém. No dia seguinte, parte imediatamente após o café da manhã, para chegar à fazenda vizinha antes do anoitecer. Caso se sinta cansado, pode permanecer aí vários dias. Ninguém se preocupará sequer em lhe perguntar seu nome. É a hospitalidade antiga em toda a sua simplicidade e grandeza. Várias fazendas são renomadas pela magnificência de seu acolhimento... (D'ASSIER, 1863 (II), p.778)

Para além do interesse do autor no caçador de formigas está sua curiosidade no formigueiro, retrato espetacular daquilo que deveria ser a sociedade brasileira:

[...] A formiga dos trópicos não se parece com os tímidos insetos de nossas regiões frias, que fogem do homem, contentando-se com um tronco de árvore ou uma pedra para aí construírem seus ninhos, e privando, no máximo, de alguns grãos as galinhas da fazenda. É um povo<sup>v</sup> audacioso, confiante em sua força, sua inteligência, e que sabe cavar túneis inacessíveis. Antes da chegada do branco, a formiga era a verdadeira rainha da floresta. Os seres selvagens que representavam, então, a humanidade nessa região, possuíam antes um vago instinto de agrupamento que um verdadeiro espírito de associação. A idéia de solidariedade e de trabalho lhes era completamente inexistente. Um prisioneiro era, para eles, somente uma vítima condenada a servir de festim. A formiga soube cultivar, de boa hora, importantes noções. Ainda hoje, ela continua sendo, no Brasil, uma das expressões mais perfeitas dessas leis estrangeiras que introduzem no mundo da natureza, sob a forma de instinto, certos princípios do mundo moral. A habitação da formiga brasileira é uma cidadela fechada de todos os lados, se comunicando com o exterior somente por saídas secretas. Se existem alguns pulgões pela vizinhança, ela os caça, transporta-os para perto de sua casa, e forma, dessa maneira, uma espécie de baixa corte. Uma distribuição regular de folhas frescas basta para transformar o cativeiro suportável, e, a partir desse momento, não é necessário se preocupar com nenhuma tentativa de fuga. Certas espécies de formigas, levadas ao *far niente*, se lançam a razias sobre raças mais fracas, apoderando-se de seus ovos. As larvas que nascem tornam-se escravas. Esses hilotas com mandíbulas aceitam sua sorte e fazem o serviço da formiga aristocrática. É uma verdadeira fazenda subterrânea, fundamentada igualmente sobre a servidão, mas sem chicote e sem feitor. (D'ASSIER, 1863 (II), p. 781)

Adolphe d'Assier considera o formiga como povo, organizado, forte e inteligente, construtor de fortalezas e não de meras choupanas, trabalhador, que pensa no dia de amanhã, mas sabe explorar o trabalho alheio quando lhe convém. Enfim, a verdadeira formiga de La Fontaine. O brasileiro deveria observá-la e dela viria o exemplo de organização de sua sociedade.

Mas o que acontecerá às fazendas se o Brasil adentrar a via do progresso? Assier aponta para duas saídas: a primeira seria a substituição do trabalho do escravo africano pelo do índio assalariado; dessa maneira, as grandes plantações manteriam suas características, com exceção do negro; a segunda, os fazendeiros abandonariam suas terras em favor dos colonos em troca de uma renda anual, o que acabaria por dividir a grande plantação em pequenas propriedades. De acordo com o autor, esta última é a que traria maiores benefícios aos brasileiros.

A cidade, diferentemente do rancho e da fazenda, não mostra ao viajante a sociedade brasileira em seu passado, nessa espécie de luta entre civilização e selvageria, do qual o interior do império é o principal teatro. Nela, os contrastes se multiplicam, mas é a atividade européia que é possível perceber, ora se sobrepondo, ora se pospondo às influências locais. O mundo que se abre ao leitor do terceiro artigo de Adolphe d'Assier, *La cidade*, não lhe é totalmente desconhecido, pois o desenvolvimento das cidades trouxe

consigo novas necessidades, novos costumes, aproximando-se, dessa maneira, do antigo continente.

As cidades das quais fala o publicista são: Pernambuco, a qual lhe chama a atenção principalmente pela falta de higiene; a Bahia, a mais portuguesa de todas e o Rio de Janeiro, parada obrigatória.

Primeira parada, Pernambuco:

Assim que desembarcas, te lanças pela cidade com a ansiedade febril de um homem que não quer perder nada do espetáculo que sonhou durante muito tempo. Aqui começam as decepções: o quadro de eterno verde que admiravas antes de chegar à cidade desaparece de repente para dar lugar a um sol de fogo. Ruas repletas de negros e de eflúvios amoniacais tomam conta dos olhos e do olfato. Lembras, então, que estás pisando sobre uma terra onde o trabalho livre é proscrito como desonrador... (D'ASSIER, 1863 (III), p. 66)<sup>vi</sup>

Chegado à cidade, portanto, o viajante, ansioso por ver as paisagens paradisíacas tão comumente descritas pelos europeus, desaponta-se, pois o calor e o mau cheiro são sufocantes. Sem contar o desfile dos negros escravos. Mais curioso, talvez, é um outro “negro”, mão-de-obra tão essencial quanto a primeira e infinitamente mais barata, que ajuda a manter a cidade um pouco menos insalubre:

O negro não é o único a excitar teu espanto: se passeias pelo porto, logo encontrarás um outro personagem que não deixa de ter alguma analogia de maneiras e de cor com o hilota africano, e que não chamará menos sua atenção: é o urubu. O país venera, nesse pássaro, o instrumento visível de Santo Antônio, patrono da higiene pública, e muitos chegam a colocar o tenente acima do chefe. Nessa terra de Deus, como a denominam os brasileiros, o homem, quero dizer o branco, tem somente que cruzar seus braços, pois tudo lhe cai do céu. Qual seria a utilidade de se criar corporações de cantoneiros e coveiros? O urubu já faz todo o serviço e sem nenhum custo. Mas o que é o urubu? É um bípede com asas da família *coragyps urubu*, maior que um corvo, um pouco depenado, negro, fedorento, verminoso. Suas funções municipais o tornam tão sagrado aos brasileiros quanto a íbis ou o icnêumone fora, outrora, aos egípcios. O que acontece em Pernambuco ou no Rio de Janeiro explica perfeitamente aquilo que acontecia em Tebas e em Mênfis. Todo animal que destruía os gafanhotos ou os ovos de crocodilo, as duas pestes do Egito, tornava-se estimado, acariciado, atenciosamente cuidado: era um salvador, um deus. Fortuna semelhante recebeu o urubu.

Toda vez que atravessamos uma rua ou um caminho no Brasil, não demora a sermos sufocados por emanções pestilentas. Logo vemos um negro esquadrão alado, voando em torno de uma mula em putrefação. São os agentes da salubridade pública em ação. [...] Sem gritos e brigas, tudo acontece na mais perfeita ordem, como é de convir a uma tropa disciplinada; uma vez devorada a carniça, para limpar a atmosfera dos vermes e da putrefação que a envolve, o sol e algumas batidas de asas são o bastante, e eles saem para fazer a sesta ou

continuar sua refeição em outro local, caso a primeira não lhes tenha sido suficiente. (D'ASSIER, 1863 (III), p.67)

Sem se apegar muito à Bahia, nossa próxima parada passa a ser o Rio de Janeiro:

Eu havia escutado muitos elogios sobre a beleza imponente da enseada do Rio de Janeiro; mas, habituado por uma longa experiência a encontrar, em geral, a realidade em perfeito contraste com os pomposos relatos dos viajantes, eu contava pouco com o maravilhoso espetáculo que me prometiam de todas as partes. Eu entrava, enfim, nessa enseada em uma dessas manhãs cintilantes dos trópicos, e, talvez pela primeira vez, eu me deparava com um quadro acima da descrição, tamanha é a impossibilidade de que os exageros humanos lutem contra os exageros da natureza. Imaginem uma imensa bacia cercada por montanhas graníticas cobertas pela mais rica vegetação que seja possível ao homem sonhar, e ter-se-á uma leve idéia da enseada do Rio de Janeiro. É necessário dizer, no entanto, que existe uma outra enseada mais bonita, maior e mais majestosa, a de São Francisco. (D'ASSIER, 1863 (III), p. 81)

Um recurso bastante utilizado pelo autor é a comparação com os Estados Unidos da América. No trecho acima, há menção à baía de São Francisco como sendo ainda mais bela que a do Rio de Janeiro. Em outras passagens, no entanto, Assier, para vislumbrar uma saída aos problemas do Império e animar os brasileiros, ressalta, com frequência, que os ianques já passaram por situação análoga, superando-a com grande destreza.

Um dos instrumentos utilizados pelos europeus para medir o estágio de civilização de uma determinada região é verificar o seu desenvolvimento arquitetônico e monumental. Por várias vezes, mas sem grande ênfase, os publicistas da *Revue des Deux Mondes*, por exemplo, o Conde de Suzannet, criticavam o mau gosto das moradas e dos edifícios públicos brasileiros, destacando, no entanto, a construção do Aqueduto da carioca e do Jardim Botânico. Voltemos a Assier:

[...] A cidade [Rio de Janeiro] não oferece alguns desses aspectos que podem fazer com que o viajante se esqueça do novo país em que se encontra e lembrá-lo das riquezas monumentais de algumas cidades da Europa? Vemos, é verdade, poucos monumentos nas cidades brasileiras. [...] No entanto, notamos, no Rio, um aqueduto que poderia aparecer ao lado daqueles que os romanos nos legaram, e um hospital que não estaria deslocado em Londres ou em Paris. Outros dois estabelecimentos também merecem nossa atenção: o museu e o jardim botânico. Muitas capitais da Europa gostariam de ter um museu como esse e, no entanto, ele está longe de responder às riquezas do país e à curiosidade dos estrangeiros... (D'ASSIER, 1863 (III), p. 84-85)

Ao tratar da sede da corte, Adolphe d'Assier não podia deixar de falar sobre as qualidades do Imperador Dom Pedro II:



[...] É um homem alto e muito bonito. Alemão por parte de mãe, uma arquiduquesa da Áustria, ele não tem nada em sua fisionomia que lembre sua origem portuguesa: traços, estatura, maneira de andar, tudo anunciava uma natureza germânica. Sua fronte larga e alta acusa uma grande inteligência; seu olhar límpido, uma alma sincera e honesta. Seus gostos são de um sábio: uma biblioteca latina, que enriquece, todos os dias, com as melhores obras francesas, inglesas e alemãs, é sua principal e melhor distração. As ciências lhe são tão familiares quanto as letras. Todos os estrangeiros que o freqüentam são unânimes em reconhecer suas grandes aptidões e sua real superioridade intelectual. É necessário salientar que, na Europa, não são, em geral, os príncipes que se colocam à frente do progresso. No Novo Mundo, se estoura uma revolução, é por que aquele que governa quer andar muito rápido, e o país se recusa a segui-lo. (D'ASSIER, 1863 (III), p. 85-86)

Uma vez percorrido as cidades, os ranchos e as fazendas, Assier questiona-se sobre os resultados da colonização portuguesa e se vê impossibilitado de elogiar a península austral do Novo Mundo quando comparada à América do Norte. A lembrança dos caminhos percorridos a lombo de burro, as intempéries, os milhares de insetos lhe são penosos, ainda mais se pensar nas *railways* que ziguezagueiam os Estados Unidos. De um lado, a atividade humana no seu mais alto limite, de outro, a preguiça mais absoluta. Qual seria a causa dessa diferença? De acordo com o autor, o fato se deve, exatamente, à colonização portuguesa, pois o gênio desse povo constitui-se da mistura do fatalismo árabe com a aridez ibérica, própria à epopéia, mas avessa à ciência e ao trabalho.

Mas, segundo Assier, há esperanças para o Brasil. Por mais lenta que seja a ação dos séculos sobre as revoluções humanas, já se pode pressentir as transformações que o tempo realizará nesse país. Somente duas coisas lhe fazem faltam: o impulso da ciência e uma nova infusão de sangue europeu.

Concluído, portanto, esse primeiro percurso, Adolphe d'Assier volta, de certa forma, no tempo, e procura trazer ao leitor imagens da mata virgem, publicando, em 1864, *Le Mato virgem. Scènes et souvenirs d'un voyage au Brésil*. Não que as paisagens tropicais estivessem ausentes em seus artigos anteriores, mas agora ela é a temática principal. Sua preocupação é em esclarecer a função desempenhada pela floresta no desenvolvimento do Brasil.

[...] A natureza selvagem das florestas virgens se apagará, um dia, face ao trabalho ininterrupto da civilização, ou está ela eternamente destinada a sufocar sob seus bárbaros abraços todos os esforços da atividade humana? Esse solo, que pisava impunemente o índio, reserva a vida ou a morte às fortes raças que gostariam de fecundá-lo? Sem responder todos os pontos dessas complexas questões, que compete unicamente à experiência de resolver, algumas lembranças das incursões pelo mato virgem poderão, ao menos, dar uma nova explicação a alguns aspectos do assunto. A melhor maneira de fazer compreender a importância do problema assim colocado, é mostrar a floresta virgem tal qual a estudei sob seus diversos aspectos, isto é, nas influências que

recebe do céu, e que transmite, por sua vez, aos inumeráveis seres vivos que nascem e morrem em seu seio. (D'ASSIER, 1864a, p. 548-549)<sup>vii</sup>

A floresta tropical é responsável, juntamente com o negro escravo, pela indolência do brasileiro, pois ela lhe fornece de tudo e, zelosa de sua riqueza, dificulta todo esforço humano destinado a domá-la. Quem sairá vencedor desse duelo, o homem ou a força cega e brutal da natureza?

[...] Todas as necessidades imediatas do homem, até mesmo vários produtos manufaturados, parecem brotar espontaneamente do solo: pão, leite, manteiga, frutas, perfumes, venenos, cordas, louças, tudo se encontra desordenado na floresta virgem. Talvez seja nessa riqueza que se deva procurar o segredo da inferioridade das tribos do deserto. É necessário se entregar ao trabalho incessante da civilização, uma vez que a natureza se mostra tão amável e tão pródiga? Pergunte antes ao índio. Deseja ele uma moradia: alguns instantes lhe bastam para construir uma cabana ao pé de um ipiriba; as folhas lhe servem de leito, os galhos de guarda-sol; ele encontra nos frutos um excelente alimento, e na casca um remédio contra a febre. A madeira, tão dura quanto o ferro, lhe fornece um cacete para os combates ou instrumentos de agricultura. Se, cansado da vida sedentária, decide correr os rios e se dedicar à pesca, basta pôr a baixo sua morada e cavá-la com fogo: sua cabana se transforma em um canoa. Com a base do bambu, constrói apetrechos de cozinha e uma mobília completa [...] as folhas tecidas dão roupas para sua mulher, a madeira serve para suas flechas [...]. A mesma árvore torna-se, de acordo com a necessidade, arsenal, vestimenta, restaurante e farmácia. (D'ASSIER, 1864a, p. 559)

A corrida ao Eldorado foi outra das atrações proporcionadas pela natureza. Em busca de riquezas minerais, os exploradores vorazes arruinaram regiões inteiras, mas, por outro lado, se não fossem por eles, talvez essas paragens continuassem desconhecidas.

[...] é, de início, o caos de uma sociedade bárbara agitando-se no meio das convulsões da febre, tendo um único objetivo, a fortuna, um único código, a lei do mais forte. As terras tumultuadas, tornando toda agricultura impossível, os negros e os índios morrendo aos milhares, os próprios conquistadores abandonando os combates de extermínio para disputarem algumas pepitas de ouro, tais são os primeiros anais da época aurífera. No entanto, as cidades se formam, a ordem começa a aparecer; com a calma e a abundância virá o progresso. Desde então, podemos apreciar os resultados, e não vemos mais que um episódio comum da vida dos povos que transformou em motores úteis essas forças maléficas ou perdidas. [...] O Eldorado e a Serra das Esmeraldas foram, se assim podemos dizer, duas válvulas de escape oferecidas pelo Novo Mundo à superabundância do velho. Os soldados tornam-se trabalhadores. Os próprios mamelucos, de natureza ainda selvagem e turbulenta, pararam, um momento, a caça ao homem e a vida errante para formar estabelecimentos fixos. Cidades tomam o lugar das cabanas indígenas, a floresta recua face à civilização. Com o

trabalho vem a abundância, e com a abundância a ordem; a ordem e o bem-estar evocam a instrução. De todos esses elementos aos quais se somaram os cruzamentos de raças, devia sair esta vigorosa e inteligente população que os viajantes notaram ao entrarem na província de Minas, e que contrasta fortemente com os habitantes do sertão de Goiás. Hoje, é ainda em Vila Rica, em Cuiabá, e, sobretudo, em Tijuco, capital do distrito diamantífero, que encontramos na sociedade esse excesso de maneiras que forma como que a primeira marca de toda boa educação... (D'ASSIER, 1864b, p. 357)<sup>viii</sup>

De acordo com a história dos norte-americanos, a civilização deveria ganhar o duelo, mas Assier duvida que essa vitória seja completa no continente austral. A península do Norte tem duas grandes vantagens em detrimento da do Sul: a vizinhança das fortes raças setentrionais e o retorno periódico do inverno rigoroso, que excita o corpo ao trabalho, sem contar a sua maior proximidade aos portos.

#### Bibliografia:

D'ASSIER, A. Le Brésil et la société brésilienne: moeurs et paysage. I. Le rancho. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la *Revue des Deux Mondes*, 1º jun. 1863 (I).  
\_\_\_\_\_. Le Brésil et la société brésilienne: moeurs et paysage. II. La fazenda. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la *Revue des Deux Mondes*, 15 jun. 1863 (II).  
\_\_\_\_\_. Le Brésil et la société brésilienne: moeurs et paysage. III. La cidade. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la *Revue des Deux Mondes*, 1º jul. 1863 (III).  
\_\_\_\_\_. Le Mato virgem. Scènes et souvenirs d'un voyage au Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la *Revue des Deux Mondes*, 1º fev. 1864a.  
\_\_\_\_\_. L'Eldorado Brésilien et la Serra-das-Esmeraldas. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la *Revue des Deux Mondes*, 15 jul. 1864b.

---

<sup>i</sup> Em várias passagens de seus artigos sobre o Brasil, publicados na *Revue des Deux Mondes*, diz ter realizado sua viagem em companhia do publicista e político francês Charles Ribeyrolles.

<sup>ii</sup> Outros artigos que publicou na *Revue* são: *Les Inondations du bassin de la Garonne, les causes et les remèdes du débordement des rivières*, out. 1875; *L'Évolution historique des peuples*, set. 1876.

<sup>iii</sup> Le rancho. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la *Revue des Deux Mondes*, 1º jun. 1863 (I). Salientamos que as citações encontradas ao longo do texto foram por nós traduzidas.

<sup>iv</sup> D'ASSIER, A. Le Brésil et la société brésilienne: moeurs et paysage. II. La fazenda. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la *Revue des Deux Mondes*, 15 jun. 1863 (II).

<sup>v</sup> Grifo nosso.

<sup>vi</sup> D'ASSIER, A. Le Brésil et la société brésilienne: moeurs et paysage. III. La cidade. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la *Revue des Deux Mondes*, 1º jul. 1863 (III).

<sup>vii</sup> D'ASSIER, A. Le Mato virgem. Scènes et souvenirs d'un voyage au Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la *Revue des Deux Mondes*, 1º fev. 1864a.

<sup>viii</sup> D'ASSIER, A. L'Eldorado Brésilien et la Serra-das-Esmeraldas. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la *Revue des Deux Mondes*, 15 jul. 1864b.